



Everton Augustin

Professor e gestor escolar
everton.augustin@gmail.com

Ainda é cedo

Como é bom estarmos juntos e lembrar das nossas. Alunos da escolinha de madeira do nosso vilarejo, temos ótimas recordações.

Eram muitas risadas que precisavam ser reanimadas olhos nos olhos. Juntos. O teu excelente churrasco e a cervejinha sempre no ponto são apenas um pretexto para te ouvir contar, com aquele jeito único, coisas da nossa meninice. Ainda bem que nossos pais nunca souberam das mais brabas.

O galinheiro dos Ferreira nunca mais foi o mesmo depois que rolamos aquela pedrona tão redondinha

potreiro abaixo. Bammm... Os campees de carreta de lomba sumiram como que por milagre, abandonando seus veículos no local da infração. A algararra das galinhas despertou toda a vizinhança.

Humorista nato, fazes piada de tudo e de todos. Também já nos finamos de rir de tua desgraça. Lembras da caixinha de papelão que a turma do posto de gasolina colocou na calçada, ao final da aula, tendo a certeza de que a chutarias a gol, doente por futebol como és? Só que dentro da caixinha havia uma pedra. Havia uma pedra den-

tro da caixinha. O dedão doeu apesar da Conguinha surrada e suja da poeira. Craque imbatível, na esquina seguinte, uma bergamota foi a vítima de teu chute certeiro. Espatizou-se ela contra o muro, lembrás?

Eu sempre quis dominar os números como tu. Bom que estás aqui pra saber da minha admiração, temperada por uma invejinha sem maldade, que nutro por ti.

A morte precisa saber que somos implacáveis com o que tenta acabar com esse nosso jeito alegre de viver. Ela que espere. Ainda é cedo. Saúde!



Magali Schmitt

Jornalista e escritora
magalischmitt@hotmail.com

Antes da chuva

Há um tempo eu tinha medo dos tiradores de sangue que vinham numa Kombi branca, dos discos da Xuxa rodados ao contrário, da bala Soft. Hoje eu tenho medo da chuva. E não é exclusividade minha. Tornou-se uma angústia coletiva. Basta começarem as previsões para que o caos se instale. Esse é um medo que provoca lembranças assustadoras no Rio Grande do Sul.

Os tempos modernos têm disso. A gente deixou de temer as lendas urbanas. O imaginário dos pequenos sustos juvenis se transformou em pesadelo. Do país abençoado por Deus e bonito

por natureza, que não sofria com catástrofes naturais, passamos a colecionar nossos próprios desastres. Paramos de produzir roteiros de ficção e nos dedicamos a consumir outros produtos que consomem o planeta.

O barulho da chuva deixou de ser um som que acalenta. Porque vem carregado de incertezas. Primeiro chega a ansiedade. Os aplicativos do tempo são consultados compulsivamente, os grupos de WhatsApp fervilham, pipocam as notícias falsas, todos são meteorologistas. A ainda nem caiu, mas a sensação sombria de que algo

ruim está prestes a acontecer já invadiu nossa alma.

Nada de monstros escondidos no armário, de perigo nas ruas desertas. Não esperamos a loira do banheiro nem a Kombi branca na esquina. O que nos assusta agora são as notificações da Defesa Civil. É curioso como os medos ganharam outra dimensão. Num passado recente, para afastar uma tempestade bastava invocar Santa Bárbara, tapar os espelhos e esconder as tesouras. Chovia e tudo voltava ao normal. Agora, antes da chuva, nos perguntamos se, desta vez, ela vai embora sozinha.



Nestor Luiz Trein

Professor
nestorluiztrein@gmail.com

O futebol mudou; os métodos, nem tanto

Pois o inventor do futebol, dizem, tinha um misto de esportista e poeta, porque havia afirmado que “futebol é lindo, como se estivesse vestido e perfumado com as flores do campo”. Sempre achei isso, num misto de alegria e diversão sadia para toda família.

Eram domingos diferentes de tudo, campeonatos em todos os quadrantes, caminhões transportando a ceva, jogadores e torcidas e uma rivalidade respeitosa.

Aqui na terrinha, havia Gre-Nal, Estância Velha e Flor da Rosa e o temível adversário Ivoti. Aos domingos, juizes

eram mandados pela FGF, via Centralão, os ônibus de 45 lugares que carregavam o dobro e o cobrador ainda ordenava: “Um passinho à frente, está folgado o corredor”. Lá na rodoviária estava algum dirigente de clube para “recepcionar” o árbitro, sem saber que o adversário já havia “recepcionado” seu goleiro, mas tudo era festa no final, com a presença de muitas mulheres.

Lembro de nosso ídolo das pernas tortas Garrincha, jogando amistosos por um cachê de cinco mil no Novo Hamburgo e nosso renomado Doutor Frank tendo que fazer infiltrações de

ranger ossos e ele dizendo: “Vai firme doutor, isto é meu combustível”.

Infelizmente, os campinhos miniguaram, mas o profissionalismo milionário prospera até em países sem tradição futebolística e o VAR terminou com dúvidas, mas não com métodos prepotentes e pestilentos como o do deus das Américas mandar a Fifa revisar a expulsão de Balogun dos Estados Unidos, pelo árbitro brasileiro Claus, “um pouco suspeito”. Bem feito, caíram de quatro para a Bélgica.

Deus continua não jogando, mas fiscalizando sempre!

Flávio Fischer

Tabelião
flavio@fischer.not.br



Evolução?

Sem querer ser saudosista, do tipo: “Ah, no meu tempo era melhor...”, mas de certa forma já sendo, ando me perguntando a que serve tamanha evolução tecnológica, digital, “moral”, esportiva...

Neste último quesito, no Brasil nos orgulhámos da genialidade e criatividade de nossos atletas, especialmente no futebol. Hoje parece que o mais importante é ter seguidores no Instagram, participar de eventos sociais e baladas, usar cremes e perfumes, cortes “criativos” de cabelos e assim por diante.

Mas para quem viu pessoalmente jogadores como Falcão, Zico, Carpegiani, Dadá Maravilha, Escurinho, Lula, Valdomiro, Renato Gaúcho, Figueroa, Caçapava, e tantos outros, fica difícil aguentar os nossos atuais “ídolos”, como Neymar e demais.

Assim também em várias outras atividades pro-

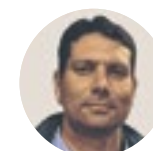
fissionais, em que aparecer na mídia e divulgar a excelência de sua atuação parece ser o mais importante. Estão aí os exemplos diários nos noticiários, em que pacientes iludidos são submetidos a tratamentos amadores. Também na advocacia não são poucos os casos em que esse tipo de profissional midiático causa prejuízos irreparáveis.

Em qualquer área, quem precisa inundar a publicidade dizendo ser o melhor, quase sempre, ou sempre, acaba sendo propaganda enganosa. Como foi a do Collor, que se apresentou na época como o caçador de marajás, e deu no que deu.

Assim que precisamos refletir melhor sobre essa “evolução” da humanidade e extirpar de nosso convívio os “enganadores” e valorizando a verdadeira evolução que implica em ética, solidariedade e simplicidade.

André Bordignon

Analista de Agronegócio do Sebrae RS
andrebl@sebraers.com.br



Origem certificada

Durante muito tempo, competitividade significava produzir mais, vender mais e disputar mercado principalmente pelo preço. Hoje, esse cenário mudou. Consumidores buscam autenticidade, rastreabilidade, propósito e conexão com a origem daquilo que consomem. Nesse contexto, as Indicações Geográficas (IGs) deixaram de ser apenas um selo de reconhecimento para se consolidarem como uma estratégia de diferenciação, fortalecimento territorial e geração de valor.

O Sebrae RS coloca as IGs no centro da experiência gastronômica e turística. Quando um consumidor escolhe um vinho do Vale dos Vinhedos, um doce tradicional de Pelotas ou um mel de melato da Bracatinga produzido em regiões específicas do Sul do Brasil, ele não está adquirindo apenas um

produto. Existe uma história, um saber-fazer e uma construção coletiva associados àquele território. Esse é um dos principais diferenciais das Indicações Geográficas.

O Rio Grande do Sul foi o Estado em que surgiu a primeira Indicação Geográfica reconhecida no Brasil, com os vinhos do Vale dos Vinhedos, em 2002. Desde então, diferentes cadeias produtivas conquistaram reconhecimento, fortalecendo setores ligados à agroindústria, gastronomia, artesanato e turismo.

Mais do que um selo de reconhecimento, uma IG representa pertencimento, cooperação e capacidade de transformar tradição em desenvolvimento. É essa construção coletiva que faz dos produtos com origem certificada um diferencial cada vez mais relevante no Brasil e no mundo.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Carnevale di Venezia em Nova Veneza, Santa Catarina. Simplesmente maravilhoso! Leila Beatriz Zottmann Taquara



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+

Mais artigos em abcm.com/opiniao